

Migrações Internas — Um Subsistema no Processo de Desenvolvimento

SPERIDIÃO FAISSOL

Geógrafo do IBG

Introdução

As migrações internas são parte essencial do processo de desenvolvimento, não só porque constituem um sistema regulador dos desequilíbrios regionais pelo simples fluxo de pessoas de uma região para outra, mas também porque, pela sua componente migração rural-urbano, representam a peça mais importante do processo de transformação estrutural de uma sociedade como a brasileira (ainda de base rural). Isto porque, migrando através dessa hierarquia, ao longo da variada gama de atividades especializadas que a sociedade realiza, o migrante passa por uma transformação tão grande quanto a transformação de uma sociedade rural em uma sociedade urbana.

Ao longo deste processo são moldadas aspirações e motivações que são a essência das aspirações e motivações de uma sociedade em desenvolvimento, como a sociedade brasileira. Daí a sua conotação estreita e inseparável em relação ao próprio processo de desenvolvimento, o que a faz parte do sistema que em seu conjunto define tal processo.

Analisado segundo as concepções de um sistema, o fluxo de migrantes de uma área para outra pode, não só ser entendido como um fluxo energético, como também os processos de perda e ganho que este fluxo acarreta podem ser vistos em termos de ajustamentos homeostáticos, portanto com aquelas funções equilibradoras antes mencionadas. A idéia de ajustamentos homeostáticos é válida não apenas no sentido horizontal espacial (de ajustamento no local de origem com a perda do migrante e da renda por ele gerada, como no local de destino com o ganho e absorção do migrante e da renda por ele gerada), mas tam-

bém no sentido vertical, no plano das transformações estruturais que se processam com a passagem do migrante de uma sociedade rural conservadora e tradicionalista, para uma sociedade urbana inovadora e latentemente revolucionária.

O problema essencial numa concepção do processo de migrações como um sistema (na realidade um subsistema do sistema formado pelo processo de desenvolvimento econômico) é a identificação dos elementos que se interatuam no interior do sistema e da forma com que êles se relacionam. Neste particular, o modelo é do tipo gravitacional (Intervenning Opportunity) e por isso mesmo é importante discutir as componentes *distância* e *massa* usadas no contexto do modelo.

A distância utilizada é uma transformação logarítmica da distância linear entre as duas unidades espaciais consideradas, levando-se em conta o fato de que em um país grande como o Brasil, as distâncias lineares são demasiadamente grandes e acabariam por eliminar as migrações entre os lugares mais afastados.

A massa é definida em termos da renda gerada nos dois lugares que se relacionam, em quatro situações estruturais diferentes, caracterizadas por vários níveis de renda *per capita*. Para evitar que as massas de renda de São Paulo ou mesmo Guanabara, Estado do Rio de Janeiro exerçam uma atração exagerada no conjunto do sistema, usou-se uma transformação da massa, dando a curva de atração uma forma exponencial (o quadrado da massa).

No contexto das interrelações definidas no sistema, as migrações são caracterizadas como rural-rural quando a renda nos dois lugares de origem e destino é inferior a 300 dólares; rural-urbano quando a renda no lugar de destino é superior a 300 dólares, mas no lugar de origem é inferior a 300 dólares e finalmente urbano-urbano quando a renda nos dois lugares é superior a 300 dólares. Por esta forma transfere-se renda (sob a forma de potencial de produzi-la) de uma região para outra e do setor agrícola para os urbanos (indústria, comércio e serviços) se a migração é rural-urbana ou do setor agrícola para o agrícola de outra região, se a migração é rural-rural.

Ainda no plano das transformações produzidas pela migração, a migração rural-urbana, especialmente, é acompanhada de uma ascensão vertical na sociedade, que a faz, além de equilibradora, também um processo de inovações, uma vez que o migrante, ao passar de uma região de renda mais baixa para outra de renda mais alta, absorve a tecnologia do lugar de destino, passando a gerar a renda *per capita* do mesmo, ao nível do lugar de destino e não mais o do lugar de origem. O simples ato de migrar, portanto, induziria aumento de renda pela forma indicada acima, mas êste aumento seria produzido por uma transformação nas habilidades técnicas do migrante, de sentido inovador; as duas coisas constituiriam a medida das dimensões horizontais e verticais das migrações.

Os mecanismos das migrações internas — Um modelo matemático

Na literatura geográfica os estudos de migrações internas têm girado, quase sempre, em torno de duas questões fundamentais relativas a: *porque* as pessoas migram e *para onde* as pessoas migram. É claro que muitas vezes os três tipos de migrações internas (rural-rural, rural-urbano e urbano-urbano), têm respostas ligeiramente diferentes tanto

no que diz respeito à *porque migra* como e principalmente a respeito de *para onde* migra, pois o horizonte do migrante “urbano-urbano” é mais amplo que o do rural de origem.

No que diz respeito ao *porque migra*, na maior parte dos estudos realizados, destaca-se sempre a motivação econômica, o “pull” e o “push” ou seja a atração e a repulsão. A atração (pull) tem sido sempre associada à migração para as cidades (bright light theory), por motivações simultaneamente econômicas e sociais, ou até mesmo políticas (o homem da cidade tem mais prestígio); mas a atração existe também no que diz respeito a migrações para áreas rurais pioneiras, com terras boas e disponíveis. Isto aconteceu em outros países e sem dúvida vem acontecendo no Brasil (Norte do Paraná, Centro-Oeste, Maranhão etc), onde terras virgens e férteis, tornadas acessíveis por estradas pioneiras, exercem um poder de atração muito grande. O exemplo atual mais sensível é o da Transamazônica, que está sendo induzida, mas que certamente atrairá muito mais gente do que está previsto. A repulsão (push) está ligada ao superpovoamento em algumas áreas rurais, onde o crescimento demográfico acentuado, associado a técnicas agrícolas rotineiras, ocasiona uma pressão excessiva sobre a terra, mantendo, simultaneamente, baixa a produção e a produtividade, esta tanto por pessoa como por unidade de área. Fenômeno deste tipo ocorre no Brasil, tanto nas áreas coloniais do sul (onde por excessiva subdivisão da propriedade o colono acaba por ficar reduzido a uma área inferior a de que ele é capaz de trabalhar) como em Minas Gerais ou Goiás (onde os lavradores começam a cultivar terras novas e à medida que sua fertilidade se esgota eles as transformam em pastagens e grande parte da mão-de-obra se torna dispensável) ou mesmo no Nordeste, nas áreas canavieiras (onde, muitas vezes, o trabalhador rural se vê compelido a trabalhar apenas três vezes por semana, permanecendo ocioso o resto da semana. Todas estas circunstâncias conduzem à migração.

No que diz respeito à migração “rural-urbano”, que é a mais intensa e universal, associada que está ao próprio processo de desenvolvimento, ela precisa ser analisada em suas duas dimensões básicas: a primeira, horizontal e de natureza espacial, representada pelo fluxo de pessoas de uma área para outra, e a segunda vertical e que envolve uma permanente transformação de técnicas, atitudes e motivações, criando padrões de comportamento de tal natureza e em tal profundidade, que representam a completa quebra das tradições da vida rural, levando o indivíduo a novos padrões de comportamento que são típicos da vida urbana. A permanência do processo de transferências é a essência de tal movimento que, inserido no processo de desenvolvimento, como foi dito acima, representa a componente fluxo espacial da evolução do processo de uma sociedade estritamente rural para uma sociedade urbana e mais desenvolvida.

O processo migratório implica em uma série de interações de natureza social e econômica, que afetam tanto a vida da coletividade rural de onde os indivíduos migram, como dos núcleos urbanos para onde eles migram. As de natureza social são verticais, na sociedade, com *reflexos espaciais evidentes*. As de natureza econômica afetam o nível de renda da população. Na área rural, considerado o “pull” como produzido por superpovoamento e pressões excessiva sobre a terra, o efeito na área de migração é pelo menos um aumento de produtividade por indivíduo que, aumentando a renda, pode acabar por produzir transformações qualitativas que aumentem a produtividade da terra e mesmo o aumento da produção global. Seria este, pelo menos teoricamente, o efeito deste tipo de migração e parece ser o que vem ocorrendo, por

exemplo, nas áreas coloniais do Sul do Brasil. No agregado, também parece ser esta a situação, pois a despeito de estar-se verificando uma transferência substancial de gente das áreas rurais para as urbanas, no Brasil a produção agrícola não diminuiu. Entretanto, adotamos uma posição média ao elaborar o modelo, considerando que cada migrante da área rural, ao migrar, faz diminuir metade da renda global por indivíduo, da área de origem, portanto produzindo um efeito real de aumento da renda *per capita* na origem, em função das razões expostas anteriormente, de que menos gente cultivaria a mesma terra.

O modelo considera que a população que migra de uma unidade espacial com renda *per capita* inferior a 300 dólares é rural e *portanto a perda de renda total é de 50%, na agricultura.*

De outro lado, nas áreas urbanas, o mecanismo consiste na absorção do migrante em uma nova forma de vida, o que faz com que, muitas vezes, este processo se efetive por etapas, de centros menores para centros cada vez maiores, inclusive os de natureza metropolitana. Esta migração para a cidade gera transformações no comportamento do indivíduo e da coletividade e, ao mesmo tempo, faz dele um elemento produtor de uma renda superior à que ele estava habituado e era capaz de produzir. De outro modo não teria havido diferenciação vertical.

O modelo encara três situações diferentes, nas quais a migração tem direção urbana, e a renda da área de destino é superior a 300 dólares. A primeira situação é quando a renda está situada entre 300 e 600 dólares e que caracterizaria a etapa inicial do processo de transformações que levaria ao desenvolvimento. Nesta fase, o processo de urbanização já se vai implantando, com migrações para as cidades (principalmente para os núcleos regionais ou mesmo metrópoles regionais) superiores à capacidade de absorção da mão-de-obra por empreendimentos urbanos, especialmente de caráter industrial, mas também de serviços e comércio. O resultado é uma marginalização de parte desta população migrada, em favelas e mocambos, que fica parte desempregada e parte subempregada, proliferando os diferentes tipos de biscates, empregos domésticos, etc. Nesta situação, a migração não acarreta um aumento da renda proporcional, e o modelo a define como metade da renda *per capita*, sugerindo que apenas metade dos migrantes se emprega. Entretanto, o modelo contempla a transformação vertical, pois o migrante se integra no sistema de geração de renda local e não no da área de origem, o que admitimos nem sempre ser totalmente válido. Assim, sua renda *per capita* passa a ser do destino e não a de origem.

A segunda situação contemplada no modelo é o de migrações para áreas onde a renda está situada acima de 600 dólares, porém inferior a 900 dólares, caracterizando uma situação estrutural, em termos Rostowianos, de etapa de maturidade, com processo de auto-sustentação já implantados, embora não consolidados. A este nível a absorção da mão-de-obra já atingiria a três quartos e não apenas à metade, com a conseqüente ampliação da renda potencialmente trazida pelo migrante a um nível de 75% da área de destino do migrante. É claro que esta medida é definida ainda teoricamente, sem validação empírica, mas conceitualmente define o processo de transformações verticais na estrutura da sociedade, consubstanciadas em uma capacidade de produzir uma renda maior. Implícita nesta capacidade estão as transformações de ordem cultural e tecnológica, nos seus hábitos de consumo e higiene. Como este incremento na renda tem efeitos na natalidade e na mortalidade, fica evidenciada a circularidade do processo, pois uma diminuição da natalidade automaticamente aumenta a renda familiar com suas conseqüências no nível de consumo, educação, etc.

A terceira situação é quando a renda atinge níveis superiores a 900 dólares *per capita*, caracterizando assim uma situação de auto-sustentação do processo, com plena absorção da mão-de-obra migrada, que definiria o término do processo de transformação vertical, quer dizer caracteriza um processo no qual o habitante rural já teria atingido um grau de transformação cultural que lhe permitiria ir para a cidade, sendo imediatamente absorvido pelo meio urbano.

Feitas estas considerações sobre as migrações rural-urbano, resta ainda considerar as migrações rural-rural e urbano-urbano.

No que diz respeito à primeira, a migração rural-rural ocorre, como pode ser observado no caso brasileiro, na direção de áreas novas, pioneiras, do tipo norte do Paraná, noroeste do Maranhão e sul de Mato Grosso ou Goiás. A principal característica deste mecanismo é que se do lado das áreas de migração, como vimos anteriormente, há uma reorganização do processo agrícola e maior disponibilidade de terras, sem diminuição ou aumento da produção total, (mas que no agregado foi tomada uma diminuição de 50%), de outro lado, na área de destino há uma absorção total do migrante. Isto porque a área rural quando atrai o migrante por disponibilidade de terras novas e acessíveis, emprega totalmente esta mão-de-obra, gerando um aumento da renda proporcional ao número de migrantes.

No que diz respeito às migrações urbano-urbano o problema é bastante complexo, tanto do lado da área urbana de destino, com níveis de absorção que variam segundo os níveis de renda, conforme foi definido no que se relacionava com a migração rural-urbano, como do lado da área urbana de origem do migrante.

Em primeiro lugar cabe considerar uma questão essencial e relacionada com a própria hierarquia urbana, estreitamente ligada a uma hierarquia de especializações. A cidade seria o lugar onde tôdas as pessoas estariam procurando vender atividades especializadas e o seu preço (ou salário pago ao empregado) é tanto maior quanto mais sofisticada for a especialização. Assim o migrante rural, semi-analfabeto e não especializado, ocupa o lugar mais baixo na hierarquia. Por outro lado os pequenos núcleos urbanos têm, por definição, pouca variedade de serviços especializados e simultaneamente oportunidades de empregos menores que as dos grandes centros urbanos. Assim eles seriam, ao mesmo tempo, centros de atração do migrante rural e núcleos de emigração para centros de hierarquia superior, criando um sistema de migrações por etapas, cujo objetivo inicial a médio prazo seria a metrópole regional.

Em segundo lugar, considerando que a área rural superpovoada perde apenas metade da renda total produzida pelos emigrantes, aumentado assim a renda *per capita* dos remanescentes, * as cidades simetricamente perdem apenas a metade da renda (neste caso distribuída, por igual, entre as três atividades básicas de indústria, comércio e serviços). Assim, a tese central, referente à emigração, é a de que ela produz um reajustamento na área ou cidade, que reduz à metade a perda do emigrante, quando esta perda é transformada em perda econômica. É evidente que tal conceito se aplica a uma região subdesenvolvida, de elevado crescimento vegetativo, na qual as migrações por etapas vão renovando o estoque de migrantes potenciais nos vários níveis da hierarquia urbana, alimentadas que são pelo crescimento elevado da população rural.

* Na realidade este aumento é apenas teórico, porque o aumento da população é superior ao número de emigrantes e estes são, via de regra, adultos capazes de produzir alimentos e o aumento via natalidade é apenas consumidor.

Em terceiro lugar há que considerar a natureza e direção da migração, se permanente ou temporária e se intra ou inter-regional. No primeiro caso seria difícil considerá-la em um modelo do tipo do adotado, no segundo caso ela fica inserida na especificação de que a migração de uma área de renda superior a 300 dólares seria de natureza urbana-urbana e inter-regional. Neste caso a rural-urbana seria intra-regional, não especificada no modelo, porém alimentadora do processo de macrocefalia urbana na área subdesenvolvida.

É importante salientar que este processo de macrocefalia urbana, que evidentemente oferece um quadro muitas vezes chocante nas grandes metrópoles regionais da área subdesenvolvida, constitui, em si mesmo, um elemento de pressão, agindo inclusive sobre os organismos políticos, no sentido de criar condições de absorção da mão-de-obra, via criação de empregos industriais, principalmente. A consequência é que estas cidades começam sempre a intensificar o seu desenvolvimento industrial e se tornam significativos centros de prestação de serviços.

Na década de 1960, e ainda agora, metrópoles regionais como Recife, Salvador e mesmo Fortaleza, no Nordeste do Brasil, constituíram-se em significativos núcleos de prestação de serviços e que se estão industrializando mais ou menos rapidamente, fruto das pressões que se fizeram sobre os organismos políticos e de que resultou a política de incentivos fiscais.

Outro aspecto importante a ser considerado, ainda no que diz respeito ao *porquê migrar* refere-se à forma pela qual é transmitido o estímulo para migrar. *Hagerstrand** distingue o migrante ativo do passivo, o primeiro sendo aquele que toma a iniciativa de migrar e o segundo que segue impulsos.

Na legislação brasileira sobre migrações havia a instituição da carta de chamada, que era virtualmente a comunicação do migrante que, bem sucedido, chamava seus parentes ou conhecidos para a área ou cidade onde se radicara. Esta mesma forma é amplamente praticada entre migrantes nordestinos no Centro Sul do Brasil.

Este estímulo para migrar está estreitamente ligado a esperanças e aspirações do emigrante e relacionado com o nível de integração das atividades da área de emigração na economia nacional e com o grau de informação que o migrante tem das oportunidades de emprego fora de sua própria região. Este conjunto forma o que se poderia denominar (e é assim comumente denominado) o campo de informação do migrante, seja individualmente seja agregado, formando o campo médio.

Especificamente este aspecto do problema migratório foi tratado apenas segundo uma estrutura etária; quer dizer: o campo de informação do indivíduo em idades entre 20 e 30 anos de idade é o maior possível, decrescendo para idades superiores e inferiores a este grupo etário. Isto significa que a informação está totalmente contida no diferencial de renda e que ao longo da estrutura etária ela é absorvida mais rapidamente naquele grupo do que nos outros, segundo a seguinte escala:

- 1 — Os grupos etários 0 a 14 e 45 a 54 teriam um índice de 2.0.
- 2 — Os grupos etários 15 a 19 e 30 a 44 teriam um índice 3.0.
- 3 — O grupo etário 20 a 29 teria um índice 4.0.
- 4 — O grupo etário 55 a 74 teria um índice 1.0.
- 5 — Acima de 75 anos o índice seria 0.0. o que elimina a migração.

* Hagerstrand, T. Migration and Area: Survey of a sample of Swedish migration fields and Hypothetical considerations on their Genesis, in Lund studies in Geographie, Ser. B, 13 1957, 132.

Isto significa ainda (considerando que apenas metade do número de pessoas com idades de 0 a 14 anos migra, em comparação com as de 20 a 29 anos) que uma parte substancial da migração seria de pessoas solteiras, ou que se casadas migraria sem suas famílias, pois, não havendo distinção do migrante por sexo, torna-se impossível distinguir a migração de homens solteiros, o que sem dúvida ocorre em maior escala.

Examinados todos estes aspectos do problema migratório, verifica-se que eles estão muito ligados ao problema qualitativo da migração. Mas é fora de dúvida que existe uma dimensão quantitativa nas migrações, tanto do nível inter-regional, que define a quantidade de migrantes de cada lugar para outro, quanto no nível nacional que define a quantidade total de pessoas que migram.

No primeiro caso, seguindo a linha do modelo gravitacional, um fator massa produz a intensidade da interação entre cada par de lugares e uma distância produz o atrito.

A intensidade da interação não seguiu, no modelo, a linha da massa de habitantes e sim a massa de produção, informação que existe no contexto do modelo geral. Entretanto, estabelece comportamentos estruturais diferentes, segundo os níveis de renda:

- 1 — Para nível de renda inferior a 300 dólares esta interação é produzida pela renda da Agricultura multiplicada por 5, pela da Indústria multiplicada por 2, pela dos Serviços multiplicada por 2 e pelo do Comércio, dividindo-se o conjunto por 10 que é a soma das ponderações. Considerando que a migração, a este nível de renda é essencialmente rural-rural, é a renda da agricultura o principal fator da interação. Recorde-se que é o diferencial de renda *per capita* que produz a direção da migração, embora ao ser multiplicado pela massa um diferencial maior produza uma migração maior. No caso de áreas rurais, com terras férteis, acessíveis e disponíveis, capazes de atrair migrantes, um fator potencial de migração é introduzido, no modelo, que tem o efeito de alterar a renda *per capita*, para os fins de migração, podendo reverter o fluxo de migrações para lugares de renda inferior. Como não se dispõe de evidência empírica sobre este potencial, ele é mantido com um valor 1.0, que não altera a renda.
- 2 — Para um nível de renda entre 300 e 600 dólares, multiplica-se a renda da Agricultura, da Indústria e dos Serviços por 3 e a do Comércio por 1, dividindo-se o total por 10. Esta modificação indica uma perda da Agricultura, em sua capacidade de atrair migrantes, aumentando-se um pouco a da Indústria e dos Serviços. Fica implícita a noção de que, nesta fase, a migração passa a ser urbana, seja urbana-urbana, se a renda do lugar de origem for superior a 300 dólares, ou rural-urbana, se a renda do lugar de origem for inferior a 300 dólares. Fica implícito ainda que urbanização continua a ser produzida por crescimento igual dos setores serviço e indústria (na realidade maior no serviço, uma vez que o setor comércio também faz parte do setor serviços).
- 3 — Para um nível de renda entre 600 e 900 dólares o poder da Agricultura ainda continua diminuindo e a Indústria aumenta de 3 para 4; os Serviços continuam com peso 3 e o Comércio tem peso 1. Nesta faixa de renda o poder da Indústria em atrair migrantes é maior, presumindo-se que nesta situação

o processo industrial atinge sua etapa mais significativa, em comparação com as outras faixas. Abaixo dêste nível os serviços têm uma significação maior, embora com a cotação de principal setor do subemprego. Acima dêste nível voltam a ser mais importantes, pela caracterização da sociedade de consumo, com níveis elevados de renda, como uma sociedade de prestação de serviços.

- 4 — Para níveis de renda superior a 900 dólares a única diferença é a predominância, já mencionada, do setor serviços, na definição da interação entre cada par de lugares.

Estas quatro situações estruturais, que seguem a linha geral do modelo, especificam a intensidade da interação entre cada par de lugares, mas ainda não definem a quantidade de gente que migra, colocada em um contexto de "intervening opportunity", no qual a quantidade total de migrantes é inicialmente especificada em termos de um percentual da população do país, percentual êste que é modificado subsequentemente segundo a variação de renda ocorrida no país, como um todo, e em relação à renda do período inicial.

Êste é um aspecto crucial do problema migratório, no que diz respeito a uma simulação do processo futuro, pois, embora partindo de período anterior conhecido para estimar os parâmetros, projeta o processo para períodos subsequentes, baseado na concepção de que o total de pessoas que migra no país é fundamentalmente determinado pelas diferenciações regionais de renda.

Finalmente, seguindo a linha do modelo gravitacional, uma transformação logarítmica da distância é utilizada como atrito, fazendo com que a migração lhe seja inversamente proporcional. Muitas transformações da distância têm sido utilizadas mais freqüentemente, o quadrado dela ou o seu logaritmo, dependendo do efeito que se deseje. O quadrado da distância tem o efeito de praticamente impedir a migração a lugares distantes, o que ocorreria em um país grande como o Brasil, com valores superiores a dois mil quilômetros. De outro lado, o logaritmo da distância atenua os efeitos dos espaços maiores e acentua, por conseqüência, os efeitos dos menores. O que acontece no Brasil, no caso de São Paulo e Guanabara, as duas áreas mais desenvolvidas e com potencial de atração de migrantes — é que as áreas contíguas a elas já alcançaram um nível intermediário de desenvolvimento e recebem também migrantes do Nordeste, como é o caso do Paraná e mesmo Minas Gerais, com pouca emigração para os centros metropolitanos, uma vez que têm suas próprias áreas dinâmicas, para onde as migrações são orientadas.